



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

---

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>84</b>
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
<a href="#">Guilherme Carrozza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8071924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
<a href="#">Vanderlei Antonio Bachega Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
<a href="#">Adão Fernandes Lopes</a>	
<a href="#">Denise Dias de Carvalho Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
<a href="#">Fernanda Luzia de Almeida Miranda</a>	
<a href="#">Tuise Brito Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
<a href="#">Rosangela Maria Laurindo Fornasier</a>	
<a href="#">Tatiana Iegoroff de Mattos</a>	
<a href="#">Fernanda Landucci Ortale</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>140</b>
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
<a href="#">Ana Clara Vieira da Fonseca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
<a href="#">Bianca Cardoso Batista</a>	
<a href="#">Vagner Bozzetto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
<a href="#">Cristiane Wosniak</a>	
<a href="#">Rodrigo Oliva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240416</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>187</b>
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>212</b>
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>239</b>
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240423</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>254</b>
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240424</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>264</b>
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>285</b>
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>291</b>
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>304</b>
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>317</b>
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>

## ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL

**Vanderlei Antonio Bachega Junior**  
Maringá - Paraná.

**RESUMO:** O estudo apresentado trata-se de uma reflexão sobre os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, para isso discorre-se sobre uma oficina intitulada “Iluminação Cênica: Princípios Práticos da Iluminação Teatral”, ministrada para os acadêmicos do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá.

**PALAVRAS-CHAVE:** teatro – ensino - iluminação

### SCENIC LIGHTING: PRATICAL PRINCIPLES OF LIGHTING IN THEATER

**ABSTRACT:** The present study deals with reflection on the ways of learning of scenic lighting in the context of the formation of Theater academics, for this is a workshop entitled “Scenic Lighting: Practical Principles of Theater Lighting”, given to the course’s students of the Performing Arts of the State University of Maringá.

**KEYWORDS:** theater - teaching - lighting

### O PONTO DE PARTIDA

Ao realizar uma reflexão sobre a formação de artistas da cena (atores, diretores, professores de teatro e todas as outras habilitações reconhecidas no universo teatral), tendo como principal fonte de análise as relações desses artistas com as linguagens de compõem uma Encenação, é notável que grande parte desse grupo sofre de uma carência no que tange sobre a vivência com uma dessas linguagens especificamente - a Iluminação Cênica.

A falta de contato e vivência com a Iluminação acarreta uma baixa exploração da mesma no contexto da formação acadêmica e da produção artística. Ponderar sobre a Iluminação neste caso, é tratar a luz como elemento ativo dentro de um espetáculo. Simões (2008), nos apresenta a ideia de que a iluminação é mais que um elemento de visibilidade dentro do espetáculo, é um elemento que nos permite alterar a forma de ver.

A Iluminação, atualmente, é ministrada, em formato de disciplina, em grande parte dos cursos de graduação em Artes Cênicas no Brasil, o que corresponde a um avanço na perspectiva do ensino, pois há alguns anos, a Iluminação era apenas um conteúdo que integrava a ementa das disciplinas de Cenografia nos primeiros cursos de graduação do país. Entretanto, devido

a diversos motivos, como falta de infraestrutura, equipamento adequado e cargas horárias muito baixas e insuficientes, nem todas as disciplinas permitem explorar o conhecimento prático acerca da Iluminação com a sua devida profundidade. Em virtude disso, estudantes, durante a graduação, e egressos, já na atuação profissional, recorrem a oficinas de iluminação com o objetivo de alcançar a vivência necessária para adquirir um domínio básico da linguagem.

Ronaldo Costa (2010), relata que grande parte das oficinas disponíveis a artistas são de cunho tecnicista e não exploram fatores consideráveis no processo de formação. Gerando, assim, o despreparo de muitos iluminadores enquanto educadores e artistas. Complementa ainda indicando quais são os frequentes caminhos utilizados por artistas que buscam uma formação mais completa. Sendo o primeiro relacionado à presença de um instrutor, através de oficinas com iluminadores que atuam no mercado de trabalho, ou por meio do acompanhamento individual com técnicos da área. O segundo está ligado ao autodidatismo, ou seja, artistas que buscam conhecimento de forma empírica e com informações disponíveis em livros e na internet.

Na prática diária da profissão, seja qual for a sua habilitação, os artistas precisam carregar consigo conhecimentos teóricos e práticos sobre os equipamentos disponíveis no mercado, as variáveis de posicionamento de luz e seus efeitos, as diferentes estéticas e possibilidades de criação e, ainda, dominar minimamente a relação entre o campo das ideias e a realidade prática e também a comunicação com outros profissionais envolvidos no processo de iluminação. Entretanto, esses conhecimentos só são adquiridos e intensificados por meio da vivência com o elemento.

Motta (2009), faz apontamentos sobre a atividade prática de profissionais das artes visuais no teatro (cenógrafos e figurinistas, mas que se aplicam ao universo da iluminação),

O ofício do figurinista e do cenógrafo envolve uma gama de conhecimentos (históricos, teóricos, artísticos, técnicos, culturais), mas é somente na prática artística que a razão de ser destes conhecimentos é posta à prova. (MOTTA, 2009, p.105)

A avaliação de todo o compósito de conhecimentos necessário para a execução dessa prática artística se dá no momento de execução em um espetáculo. Valendo para qualquer contexto, desde um professor que estabelece uma apresentação com os seus alunos em uma Escola, até mesmo o diretor, que trabalha na produção de um espetáculo profissional.

Diante das constatações sobre o ensino de Iluminação Cênica levantados neste estudo e das condições das licenciaturas em Teatro, surge a necessidade de uma ação prática com intuito de contribuir com a formação dos alunos do curso de graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá. Ainda enquanto acadêmico e estagiário remunerado da mesma universidade, propus a execução de uma oficina de Iluminação Cênica voltada para os alunos da graduação. A oficina proposta aos alunos da licenciatura plena em Teatro, visou complementar a disciplina

de Iluminação da graduação com atividades prioritariamente práticas, fundamentada nos conhecimentos sobre o espaço cênico e da luz como uma linguagem cênica. Dentre os assuntos abordados estavam os equipamentos e as estruturas de rede elétrica e arquitetural, somados a práticas de cunho artístico e criativo.

## A EXPERIÊNCIA COMO AÇÃO

Na oficina, buscou-se ampliar os conhecimentos dos participantes e proporcionar um espaço de vivência e aprendizado a partir do jogo teatral, utilizando as cenas improvisadas que eram criadas pelos participantes como objeto de estudo para a montagem e execução da luz.

O Jogo Teatral é entendido como uma prática metodológica do teatro, que, pela perspectiva de Viola Spolin, consiste na resolução de problemas, com base em situações e regras propostos nos jogos sistematizados e pré-estabelecidos. O Jogo Teatral tem como estrutura aquele educando que joga e o que observa (ROSSETO, 2012). A presença do espectador, nesse caso, é também uma forma de aprendizado em teatro. Por isso, o jogo teatral no contexto dessa oficina foi de extrema importância, pois a observação em Iluminação Cênica também é uma forma de aprendizagem.

Foram percorridos dois caminhos distintos: o primeiro, criar a partir de concepções de luz já definidas; o segundo, criar primeiramente a cena e, na sequência, os desenhos de luz personalizados para cada situação.

O jogo teatral por si só já é um elemento palpável e muito utilizado no Teatro, dessa forma, houve uma proximidade entre as atividades desenvolvidas na oficina com a realidade dos participantes, considerando que todos eram acadêmicos de Artes Cênicas da UEM.

O processo de execução da luz dentro do espetáculo teatral se dá em três etapas: a concepção de luz, a montagem técnica e a operação da mesa de luz durante a cena. Através dessa divisão as atividades aconteceram em grupos, permitindo assim que cada participante pudesse transitar e experimentar os três processos com a mesma intensidade.

Os participantes puderam acessar diretamente todos os equipamentos disponíveis na Oficina de Teatro da UEM. Além de conhecer cada um dos equipamentos, a rede elétrica e a estrutura do edifício teatral, vivenciaram, em cada encontro, ações pertinentes a função de iluminador, tais como o subir na escada com cada refletor, a manutenção dos equipamentos, além de precauções e cuidados com os equipamentos e com a segurança pessoal, já que se trata de uma atividade que lida com a rede elétrica de alta tensão.

As atividades (tudo o que ocorria a cada encontro) guiavam a roda de conversa avaliativa que era realizada ao final (*feedbacks*), com intuito de ouvir os participantes, permitindo que compartilhassem com os colegas as suas percepções, além disso,



sugeriam e mostravam soluções para as problemáticas que aconteciam durante os encontros. Por meio de textos sobre a iluminação cênica foi discutido como o ser humano se apropria da tecnologia disponível em seu tempo para buscar suprir as necessidades que apresenta. As reflexões dos próprios participantes, guiada pela orientação dos ministrantes, demonstravam uma preocupação com todos os outros elementos e profissionais relacionados ao espetáculo teatral, sejam como docentes, diretores, atores, figurinistas, cenógrafos etc.

O curso de extensão teve como principal premissa proporcionar o contato que trouxe a reflexão da luz enquanto linguagem dentro do espetáculo. Uma trajetória que revela a importância de que a teoria e a prática caminhem juntas. Trata-se da evidência e da necessidade de que as duas formas de conhecimento, prático e teórico, precisam caminhar juntas para que resultados positivos sejam alcançados com frequência.

## **PENSAMENTOS SOBRE A AÇÃO**

Consideramos que o objetivo da oficina tenha sido alcançado com sucesso, pois foi capaz de proporcionar vivência aos seus participantes, instigando os futuros profissionais de teatro a visualizarem e se apropriarem da luz como uma linguagem dentro de seus trabalhos, nas mais diversas funções do teatro.

Araújo (2005) acredita que na formação do profissional de teatro é necessário que haja uma reincorporação possibilidades no ensino de teatro, incorporando novas técnicas, vivências e incluindo todos os elementos do fazer teatral conectando-os ao ensino de teatro. A visão apresentada pelo autor inspira as atividades realizadas na oficina, de forma que buscamos explorar e relacionar todos os conceitos abordados na oficina com a verdadeira realidade dos acadêmicos em formação.

Ainda para o autor, as oficinas não são momentos de aprendizado que em que o aluno aprenderá sobre todos os aspectos do teatro nem que será capaz de se especializar em uma determinada área do teatro. As oficinas devem ter o intuito de proporcionar um olhar abrangente a todos os aspectos do teatro ou ainda, permitir que se aprofunde em determinado conteúdo. A oficina de Iluminação Cênica procurou proporcionar uma nova visão sobre a iluminação, não teve o intuito de formar novos iluminadores com grandes capacidades. Procuramos ao longo de seu planejamento semear o fato de que a luz requer estudo teórico-prático e um grande cuidado. A luz foi tratada como elemento que participa do processo criativo do teatro, que complementa e dialoga com o ator, o texto, as ações corporais e as atmosferas criadas em cada cena.

Durante todo o processo de execução da oficina foi perceptível o desenvolvimento dos acadêmicos, desde os primeiros encontros instigados a perguntar, questionar e experienciar. Observamos que desde o primeiro contato com os equipamentos existia

um grande separador entre os acadêmicos e o conhecimento sobre a iluminação. Os participantes tinham medo de segurar equipamentos, pois costumavam ser privados do acesso a toda aquela maquinaria e a utilizaram a iluminação teatral. É uma relação de oportunidade, que foi desmitificada. Próximos a finalização da oficina, os participantes eram capazes de dar manutenção em cada equipamento e ainda eram capazes de explicar o funcionamento e de diferença de cada um deles para outros colegas.

Ultrapassado a ideia de conhecimentos técnicos muitos medos foram superados, por exemplo, ao subir as escadas para acessar as varas de luz, alguns participantes deixaram de lado seu medo de altura. Uma participante relata que subiu na escada por refletir que provavelmente não teria outra oportunidade se não na oficina.

Os participantes relataram ao final de cada encontro suas percepções, indicando, por exemplo, que não visualizavam a possibilidade de se criar cenas a partir da iluminação. Foram capazes de reconhecer a importância do domínio dos termos para uma boa execução da linguagem, entendendo o que é um mapa de luz, o que é a afinação de um refletor e nome de cada equipamento.

No último encontro da oficina, os participantes foram convidados a levar para a oficina objetos do cotidiano que emitem luz de alguma forma. Luzinhas de natal, lanternas, velas, luminárias, fósforos, isqueiros e aparelhos celulares. Em duplas foram capazes de criar novas cenas com esses objetos, que não propriamente utilizados para a iluminação teatral. Nessa atividade, pudemos observar que muitos conceitos foram absorvidos pelos participantes, as ideias de posicionamento de luz, efeitos de cor, luz e sombra trabalhando em conjunto e principalmente, a luz em cena como elemento cênico, que tem uma linguagem própria e significação para o espectador.

Além de contribuir com os licenciandos em Teatro da universidade, a oficina de Iluminação abriu caminhos para repensar essa figura de licenciado. Nas graduação, corremos continuamente o risco de compreender o professor de teatro como aquele que apenas replica metodologias de ensino, menosprezando sua prática e possibilidades artísticas. Motta (2009), lembra que, os conhecimentos com essas linguagens cênicas não tomam a mesma proporção ao comparar o artística da cena com o docente. O arte-educador está sempre em constante contato com as especificidades da cena, deve ser apto a responder questionamentos e integrar na sua ação docente os conhecimentos mais básicos e aplicáveis naquele contexto.

Sendo assim, pensar em formação em Iluminação Cênica no contexto da licenciatura, deve ir além da instrumentalização ou da base para a produção artística. Essa e as outras linguagens cênicas precisam ser abordadas de forma que sejam fornecidos subsídios aos formandos, para futuramente estarem aptos a aplicar essas outras formas de existência da linguagem teatral em qualquer contexto.

## APONTAMENTOS

No decorrer das observações da realidade dos acadêmicos de Artes Cênicas da UEM surge a ideia de criar um espaço que permita a vivência, instigando os participantes a enxergarem a luz como linguagem. Por meio da relação entre a teoria e a prática buscamos nessa oficina elencar os principais conceitos que podem permitir que os artistas em formação possam abrir seus horizontes e se apropriar da luz em seus mais diversos trabalhos. A relação de apropriação foi efetiva devida ao interesse a participação dos acadêmicos que se dispuseram a participação. No processo e na finalização observamos uma grande evolução de cada participante. Foi visível que houve um entendimento da história da iluminação como linguagem cênica no teatro. O incentivo a criação e a exploração permitem dizer que tudo o que foi apresentado repercutiu na vida profissional de todos os envolvidos.

A oficina intitulada “Iluminação Cênica: Princípios Práticos da Iluminação Teatral” permitiu estabelecer uma nova forma de pensar o ensino das artes, mais especificamente o ensino do teatro. Na ação docente desenvolvida, novos olhares sobre as formas de aprender e ensinar a linguagem teatral foram lançados. Entretanto, não apenas com intuito de promover reflexões e sim, promover ações. O conhecimento empírico teve contato e foi potencializado com o embasamento teórico, no contexto de formação de futuros docentes. A oficina é entendida agora, com um olhar distanciado, como uma semente que germina uma árvore que ramifica novos pensamentos para a Pedagogia do Teatro e o ensino em qualquer contexto.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Sávio Oliveira de. **A Cena Ensina**: uma proposta pedagógica para formação de professores de teatro. 2005. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: < [http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/A\\_Cena\\_Ensina\\_\\_ARAUJO\\_S%E1vio.pdf](http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/A_Cena_Ensina__ARAUJO_S%E1vio.pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2019.

CAMARGO, Roberto Gill. **Função estética da luz**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COSTA, Ronaldo. **A Oficina de Iluminação e a Construção de Espetáculo**: anotações para uma proposta pedagógica. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2010.

MOTTA, Gilson. Cenografia e Indumentária na Arte-Educação. In: TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson. **Cartografias do ensino do teatro**. Uberlândia: Edufu, 2009. p. 103-112.

ROSSETO, Robson. **Jogos e Improvisação teatral** / Robson Rosseto. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

SIMÕES, Cibele Forjaz. À Luz da Linguagem: A iluminação cênica: de instrumento da visibilidade à ‘Scriptura do visível’ (Primeiro recorte: do Fogo à Revolução Teatral). 2008. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Cênicas, Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: < [http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/a\\_luz\\_da\\_linguagem\\_a\\_iluminacao\\_cenica\\_de\\_instrumento\\_da\\_visibilidade\\_a\\_scriptura\\_do\\_visivel\\_do\\_](http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/a_luz_da_linguagem_a_iluminacao_cenica_de_instrumento_da_visibilidade_a_scriptura_do_visivel_do_)



## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-280-7

